GUIA DE SOBREVIVÊNCIA DO EXILADO NO PRÓPRIO PAÍS

alexandre meira

Editora Penalux

Guaratinguetá, 2020

I

O GOLPE NA AMENDOEIRA

— 02 de setembro de 2016 —

Era sentado nessas mesas de bar na calçada, acaloradas com discussões políticas, que eu religiosamente ouvia seus argumentos. Meticuloso e atento aos detalhes, seu talento maior sempre foi com os gráficos e tabelas, planilhas recheadas também de muito conhecimento jurídico. Ele sempre foi muito bom no que fez e o justo sucesso profissional será sempre inquestionável. Falávamos de tudo, como diversão inventávamos aforismos à moda Stanislaw Ponte Preta, o mito preferido dele. E de muitos. Sempre dizia que a obra do saudoso Sérgio Porto era capaz de explicar tudo o que há de indecifrável nesse país. Nossa amizade remota à primeira infância entre jogos na rua como garrafão, taco, carniça, polícia e ladrão, e outras guerrilhas. Falávamos delas lembrando também de outros saudosos combatentes, como veteranos de guerra celebram suas histórias. Recordávamos, sobretudo, das amendoeiras que povoavam nossa rua servindo de berçário de ideias, sonhos e pesadelos infantis. As brigas de rua, as primeiras namoradas, vitórias e derrotas que só as amendoeiras sabiam além de nós. Essa nossa longa amizade jamais nos impediu de nos conflitarmos, questionarmo-nos, colocarmos à prova de batalhas políticas,

religiosas e futebolísticas esse inquebrantável vínculo. Testá-lo, sim, a ferro e fogo, e celebrar às gargalhadas sua sobrevivência ao final. A amizade masculina sempre foi um exercício divertido de guerra.

"Ela pedalou, cara. Tá aqui. Presta a atenção."

E mostrava um sem número de gráficos com barrigas negativas assombrosas. Movimentações financeiras de alto valor entre rubricas no orçamento que justificariam uma execução em praça pública. E o prato principal à mesa era a crise assombrosa que vivemos. A dura condição econômica que nos impedia naquele instante de pedir a mesma quantidade de cervejas selecionadas que pedíamos nos anos anteriores, a dura condição que reduziu drasticamente à metade, a quantidade de vezes em que louvamos o nosso sagrado *happy hour*: Nunca antes na história desse Brasil, mundão de Deus, houve uma crise econômica pior do que essa.

Para nós, que temos mais de 35 anos, falar da pior crise econômica da história é talvez passar um derradeiro recibo de que sofremos, sim, com o avanço da calvície. É algo difícil de encarar como verdade ao olhar no espelho, mas ela está lá, a verdade, diante de nós. Os anos Sarney e o fim da era FHC não nos deixam mentir sobre o que realmente pode fazer uma crise econômica com a vida do cidadão comum e o precário leque de serviços públicos. Mas, fazer o quê, salta outra gelada.

Entre gestos abertos encorajados pelo ativismo do teor alcoólico nas veias, entraram no bolo a corrupção na Petrobrás, o lixo do PT, o comunismo na Venezuela, os vagabundos do Bolsa-Família, e "como a vida é diferente em Miami". Caramba, manda vir também o tira-gosto! Apesar da grande quantidade de ruído da mensagem, fui tentando refazer seu raciocínio passo a passo sem que ele caísse nessas armadilhas fáceis da pseudo-informação. Trabalho árduo, reconheço, mas também o

compreendo. Nesses dias, ou o cidadão comum avança ante as bombas de propaganda partidária travestidas de linha editorial em horário nobre ou sofre nas trincheiras alarmistas das redes sociais partidarizadas. Agradeço por ter me interessado por política antes desses tempos de Mídias de Guerra. Provar que a corrupção não tem treze anos de idade; a Venezuela está longe, mas muito longe de ser comunista; e que o Brasil existia, apesar dos pesares, antes de nascermos não é tarefa fácil. No meu caso, a busca por compreender a diversidade e a beleza do pensamento político durou alguns anos de noites em claro entre cursos, especializações e graduações. Há quem tenha despertado antes, mas não posso deixar de me orgulhar de ter questionado os clássicos, estes, sim, os verdadeiros mestres, ficando imune ao ódio de quem conhece política através de memes envenenados. Serei eternamente grato a quem, de direito, me libertou do gueto no qual poderia ter se transformado meu próprio umbigo. Ponte Preta, mestre, diria: *"Talvez seja apenas um desses caras que cruzam cabra com periscópio para ver se conseguem um bode expiatório"*. Sabe muito. Esse sim: Mito.

Mas esqueça o Comunismo, os cotistas, os gays e as empregadas domésticas, o motivo do impeachment eram as pedaladas e a liberação de crédito, certo? Sim. Mas, assim como nos linchamentos, há um mecanismo de controle social de valores, normas e representação impregnando o processo, que não necessariamente se coaduna com os motivos reais desencadeadores. Essa é a hora em que as crianças saem da sala. Sutis e imateriais que são, certas noções acabam por se perder, junto com a lógica e outros conceitos mais nobres. A resposta da pergunta do início do parágrafo, para muitos, poderia ser *"não, isso não vem ao caso"*. O que viria ao caso então?

"Não, cara... sobre esses números da crise... Sinceramente, pensei até que fossem piores. A questão não é só essa.

E olha o procedimento todo do impeachment, ponto a ponto, isso não é sério".

Mastigando a isca ultra-acebolada de filé mignon, sua cabeça de planilha deve ter virado um trevo, porque seu semblante mudou. Poderia ouvi-lo em mente responder que o que viria ao caso é a minha total insensibilidade com a família brasileira que está perdendo o emprego e assiste, dia após dia, a um partido se locupletar aproveitando-se da máquina pública e do dinheiro do contribuinte! Certamente foi o que ele pensou antes de secar a tulipa até a última gota. Silêncio. Antes de pedirmos outra, a minha resposta, essa mais acima, fez os olhos fraternos do outro lado da mesa escurecerem. Não, sinto muito, mas eu não sou James Carville, de forma que poderia dizer sem o menor esforço: "*Não* é a economia, estúpido!". Sobre o que exatamente eu poderia estar falando, então? Sobre o que mais, se é tão óbvio nos jornais todos os dias esse lixo sendo lavado a jato! E olhe, nobre leitor, atente que os cantos maviosos de Jucás e Calheiros já haviam ressoado por toda a fauna brasileira. Tirá-la custasse o que custou para estancar a sangria, salvar a própria pele e preservar o instinto de gangue diante do estouro da boiada, reverberaram em horário nobre nos cantos mais impolutos da consciência do cidadão comum. Será? Quem a esta altura então ainda pode acreditar que este impeachment é um procedimento válido por obedecer ao que está previsto na Constituição? Não sei. Isso não vem ao caso.

Quando escuto ou leio algo relacionado a este argumento, lembro-me de todos os detentos do nazismo, stalinismo e, para os crédulos, o exemplo do extinto Império Romano, que teve na figura do nazareno um de seus prisioneiros políticos mais notórios: Todos eles julgados segundo os ritos de seu tempo, avalizados pelos grupos competentes para tal, e mais do que isso: obedecendo a todo o procedimento devido. É tão difícil

defender o indefensável, então, por que não te calas? Sobre o que eu poderia estar falando, exatamente?

O interessante em falar acerca desse procedimento de impeachment atual é refletir sobre a análise feita por Mangabeira Unger, filósofo e ex-Ministro de Estado, em matéria jornalística recente disponível nas redes[2]. Ele refuta veementemente a comparação desse impeachment da presidenta Dilma ao mesmo processo que afastou o presidente americano Nixon, porém o aproxima historicamente do impeachment, que não ocorreu, do Presidente Andrew Johnson, logo após a Guerra Civil Americana. Extremamente impopular, Johnson causava muito desconforto político por ser teimoso e intratável, de estar regendo o país durante uma crise econômica e política sem precedentes e, principalmente, por ter tentado atacar algumas poucas vitórias dos confederados herdadas do final conflito. Foi aberto um procedimento de impeachment contra ele baseado em uma irrelevância jurídica, a nomeação de um senador sem autorização. O impeachment de Andrew Johnson se arrastou gerando uma onda divisionista no país, que piorou a crise econômica e ainda mais sua impopularidade, além de contribuir para um pesado clima de desconfiança interna. Ao final de tudo, o impeachment foi derrotado por um voto no Senado, apesar de a base de Johnson ser quase inexistente. O Senado entendeu que o instituto do impeachment não poderia ser usado para salvar o país ou os poderes dos seus erros políticos, e converter a impopularidade em mudança de governo. Há um livro, "O federalista" de Alexander Hamilton, utilizado ironicamente pelo relator do impeachment de Dilma no Senado, em que além de ratificar os valores constitucionais americanos, questiona o próprio instituto do

2 "O impeachment gerou onda de ódio, diz Mangabeira Unger" – Folha de São Paulo, Portal UOL, 12 de abril de 2016.

impeachment quanto a sua fragilidade ante ao que chamou "Demônio da Parcialidade". O Senado americano evitou no limite exatamente isso no caso de Andrew Johnson. É preferível preservar a democracia e os preceitos fundamentais valorados pela constituição, do que ceder a uma politização excessiva matando a base jurídica do processo, prejudicando um conceito maior que é o da própria segurança jurídica, arriscando "mexicanizar", palavras do autor, a política americana. Implícita aí fica a crítica visão americana dos instáveis regimes latinos, cujo demônio da parcialidade ocupa os espaços envenenando todas as esferas de atuação da vida política.

Recentemente, o ex-Ministro do STF, Joaquim Barbosa, sobre o mesmo tema comentou que a classe política brasileira são *"provincianos em sua maioria, loucos para assumir as rédeas do poder, nossos líderes não têm dado bola à dimensão internacional da questão*[3]. É uma questão de maturidade política e do legado que se quer prestar à própria civilização. Alguém tem dúvida do que aconteceu nestas Terras de Santa Cruz?

"Pois é, meu amigo..." – pensei – *"maturidade!"*. Uma reconfortante lembrança, contudo, é a da época onde as bolas de gude, peões e jogos de botão moravam todos indiscriminados e felizes dentro da mesma caixa de sapato. Não havia muita diferença nem cerimônia. Bastava um pouco de barulho à frente do portão que o outro viria de dentro de casa exercendo altivo a cidadania de nossa infância, desdobrando um mundo possível no país que se tornava aquela rua todas as vezes em que havia crianças brincando, iguais e fraternas. No final de tudo, e sem muita cerimônia, recolhíamos os cacos dos sonhos e das vivências, entupíamos novamente a caixa de sapato e cada um voltava para si. Nunca houve despedida.

---

3 Joaquim Barbosa *on twitter*, @joaquimboficial.

Entendo hoje o que lá se apresentava ora incognoscível, ora imperceptível. Certa feita, diante da impiedosa tormenta da separação dos pais, uma criança de oito anos cuidava para que seu mundo recém-construído não desabasse como um frágil firmamento. A casa que já não era mais casa, o quarto que já não era mais o quarto, invadido por um sem número de dores. Este menino, então, foi aos poucos sendo exilado para a solidão da sombra de uma amendoeira na rua, onde não poucas vezes, como uma alquimia, pensamentos viravam lágrimas. No entanto, do nada, vinha aquele camarada sem barulho algum, o amigo soldado que cavava o solo barrento com as mãos formando búlicas, e como se nada houvesse de estranho por ali arremessava bolas de gude umas contra as outras, jogando um jogo divertido contra si mesmo, até que recomposto eu tomasse o meu lugar na partida, pacientemente. Ao final do dia recolhíamos tudo e cada um voltava para si. Sem despedidas.

"Está tudo previsto na constituição e avalizado pelo STF. Você não passa de um petista."

Como explicar isso? Uma das coisas mais estranhas desses tempos atuais é ver como aos poucos o diálogo tem sido morto a golpes duros de discurso. É simples: diálogo não é discurso. Veja bem, o exercício da política pressupõe que haja o diálogo, um não há sem que haja o outro. Política, se retornarmos ao seu sentido grego original, quer dizer algo como a arte ou exercício pleno do convencimento em prol da governança, não é à toa que Aristóteles nos definia de forma existencial como animais eminentemente políticos. Fazemos política em nossa casa, na escola e no trabalho. É como respirar, comunicar-se. Não há vácuo na política. De tal forma que só há política com essa "troca", e principalmente respeito a alteridade, ou seja, ao exercício do diálogo. Todavia, não há política no uso pleno do que chamamos discurso. Porque o discurso é unilateral, impende

• *Livros iluminam* •

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em outubro de 2020.